



**RATIO – FACULDADE DE TEOLÓGICA E FILOSÓFICA  
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

**RUBÊNIA SILVA LIMA**

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: DA FELICIDADE À RESPONSABILIDADE DE  
MENINA MÃE**

**FORTALEZA**

**2016**

RUBÊNIA SILVA LIMA

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: DA FELICIDADE À RESPONSABILIDADE DE  
MENINA MÃE

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Serviço Social da Ratio - Faculdade Teológica e Filosófica, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Serviço Social

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Lourdes dos Santos

FORTALEZA

2016

RUBÊNIA SILVA LIMA

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: DA FELICIDADE À RESPONSABILIDADE DE  
MENINA MÃE

Monografia apresentada ao Curso de  
Bacharelado em Serviço Social da Ratio –  
Faculdade Teológica e Filosófica, como  
requisito parcial para obtenção do Título  
de Bacharel em Serviço Social

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Maria Lourdes dos Santos (Orientadora)  
Ratio - Faculdade Teológica e Filosófica

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Maria do Socorro Lima Martins Matos  
Ratio - Faculdade Teológica e Filosófica

---

Prof<sup>a</sup>. Esp. Francisca Emmanuella Saraiva Martins  
Ratio - Faculdade Teológica e Filosófica

A Deus. A minha família e aos meus amigos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, inicialmente, a Deus, por ter me dado paciência e serenidade nos momentos de angústia, por ter me passado sabedoria e discernimento para a realização desse trabalho me permitido que esse sonho se concretizasse.

Agradeço aos meus pais, Rubens e Conceição, que me ensinaram desde cedo noções de responsabilidade, respeito e humildade, em busca do caminho do bem e da justiça; ao meu filho Murilo, por superar minha ausência em momentos importantes de seu desenvolvimento; ao meu namorado que, como companheiro, me passou incentivo, paciência e compreensão; a minha família, como um todo, que nessa reta final me mostrou que unidos podemos mais.

Agradeço a minha tia Núbia que sempre me ofereceu ajuda durante o percurso desses 4 anos de faculdade.

Agradeço a minha orientadora, a Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Lourdes dos Santos, que acreditou em mim, dando apoio; e com muita tranquilidade e seriedade soube conduzir meus passos com conhecimento e de modo enriquecedor para que este trabalho viesse a se tornar realidade. Os meus sinceros agradecimentos.

Agradeço aos professores da Banca Examinadora por terem aceitado contribuir com minha defesa.

Agradeço a todos os professores que se fizeram presente contribuindo nesse período de grande conhecimento e aprendizagem, colaborando não só como professores, mas mestres, amigos e orientadores que tornaram essa trajetória de tão relevante para minha vida.

Agradeço a minha supervisora de campo Marisa Marques, pelo apoio prestado e compreensão durante todo o período de estágio, bastante relevante para o meu aprendizado, o que ocorreu de maneira eficaz pela paciência dela comigo.

Aos meus amigos próximos, que sempre estiveram presentes em todas as dificuldades, me dando apoio e força para a conclusão do curso.

Agradeço a todos meus amigos de sala, em especial a Lídia Freitas, Katiane Oliveira, André Luís que ao longo de quatro anos compartilharam comigo essa batalha árdua em busca do conhecimento e do nosso sonho, principalmente nessa fase final do trabalho e do curso.

Enfim, agradeço a todos que fizeram parte dessa caminhada, de forma direta ou indireta, e contribuíram com a minha formação acadêmica e concretização do meu sonho.

Muito Obrigada.

“Suba o primeiro degrau com fé. Não é necessário que você veja toda a escada. Apenas dê o primeiro passo”.

(Martin Luther King)

## RESUMO

A gravidez na adolescência é um período de intensas transformações biológicas, psicológicas e sociais; representam a transição entre a infância e a fase adulta e pode trazer problemas de natureza social, econômica, educacional e familiar. Diante dessa problemática, de índice bastante elevado, compreender o processo da gravidez na adolescência é objeto deste estudo, cujos como objetivos específicos são: compreender a gravidez na adolescência como problema social e de saúde pública; analisar as mudanças sofridas pela adolescente durante a gravidez e apreender o significado de responsabilidade da menina mãe. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, de natureza qualitativa e exploratória. O levantamento dos artigos foi realizado nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online (SCIELO)* e *Google acadêmico*, onde foram localizados livros, artigos, monografias, periódicos online e outros. Os resultados alcançados mostram uma realidade complexa, para a qual não se deve eleger culpados e nem vítimas, pois a gravidez na adolescência tem diversas questões relacionadas, como a educação, cultura e relações afetivas e traz consequências distintas para a adolescente e sua família. Constatou-se que a gravidez precoce precisa ser mais discutida na sociedade, por meio de uma abordagem ampla por parte dos familiares, educadores, profissionais de saúde, comunidade e governantes, não discutindo apenas como evitar a gravidez, mas promovendo os meios de valorização da pessoa humana, oferecendo-lhe conhecimentos para que possa decidir, com consciência e responsabilidade, o momento certo de engravidar, com alegria, felicidade e crescimento pessoal dos pais e filhos.

**Palavras-chave:** Gravidez na adolescência. Superação. Problema social e familiar.

## ABSTRACT

Teenage pregnancy is a period of intense biological, psychological and social transformations, representing the transition between childhood and adulthood and can bring problems of social, economic, educational and familiar. On this issue, rather high index, understanding the process of pregnancy in adolescence is the subject of this study, having the specific objectives: understanding teenage pregnancy as a social and public health problem, to analyse the change undergone by the teenager during pregnancy and learn the meaning of responsibility of the child mother. This is a literature review study, qualitative and exploratory in nature. The survey of articles was held in databases *Scientific Electronic Library Online (SCIELO)* and *Google scholar*, which were located books, articles, monographs, periodicals online and others. The results obtained show the complex reality, which must elect not to blame and not victims, because teenage pregnancy has several issues, such as education, culture and relationships, and bring different consequences for the teenager and his family. It was noted that early pregnancy needs to be further discussed in society, through a comprehensive approach on the part of family members, educators, health professionals, community and rulers, not discussing just how to avoid pregnancy, but promoting the means of exploitation of the human person, providing you with knowledge so that you can decide with consciousness and responsibility the right time to get pregnant , with joy, happiness and personal growth of parents and children.

**Keywords:** Teenage pregnancy. Overcoming. Social and family problems.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
DST	Doença Sexualmente Transmissíveis
DIU	Dispositivo Intrauterino
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ESF	Estágio em saúde da família
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas
UNESCO	Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 O PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 Conceituando adolescência.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 Adolescência e Sexualidade .....</b>	<b>21</b>
<b>3 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM PROBLEMA SOCIAL E DE SAÚDE PÚBLICA.....</b>	<b>27</b>
<b>3.1 Gravidez na adolescência: um problema social e de saúde pública.....</b>	<b>30</b>
<b>4 A RESPONSABILIDADE DE SER MENINA MÃE .....</b>	<b>35</b>
<b>4.1 Percepções vivenciadas como menina mãe e observadas como estagiária .....</b>	<b>39</b>
<b>4.2 A família como fator determinante para a não gravidez precoce .....</b>	<b>41</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Compreende-se por adolescência o período da vida entre os 10 e 19 anos, no qual ocorrem mudanças profundas, caracterizadas sobretudo pelo crescimento rápido, surgimento das características sexuais secundárias, conscientização da sexualidade, estruturação da personalidade, adaptação ambiental e integração social (YAZLLE, 2006).

Uma das grandes preocupações que atualmente vem ganhando destaque em nossa sociedade está direcionada para a questão do expressivo crescimento de adolescentes grávidas. Neste sentido, buscou-se compreender os questionamentos que norteiam esse fenômeno, que vão dos sentimentos às responsabilidades familiar, escolar e social.

Nas últimas décadas tem-se constatado mudanças significativas nos padrões de comportamento experimentadas pelos adolescentes e, revelam problemas que repercutem nos aspectos biopsicossociais deste grupo, sendo, sem dúvida, a de maior repercussão aquela relacionada aos padrões que envolvem a atividade sexual. Como consequência das mudanças relacionadas ao exercício da sexualidade, pode-se registrar o alarmante aumento no índice de gravidez entre adolescentes, chamando a atenção da família, de estudiosos e dos governantes, inclusive por ser considerado um problema de saúde pública na atualidade.

O contexto social, de acordo com o ciclo de vida das adolescentes, geralmente é regido por regras próprias, normas criadas por elas e pela fase que vivenciam, assim, tornando a forma de cuidado da família ou sociedade insignificante para seu desenvolvimento.

A adolescência consiste em várias etapas e ocorrem de acordo com cada fase e integração cultural na qual a adolescente vivencia. Inicialmente, a adolescência é vista como a nova imagem corporal, em seguida, a adolescência média, fase descrita como a independência emocional, além do exercício da sexualidade genital e, finalmente, quando a elaboração da identidade pessoal é formada (JOFFILY, 2003).

Outras mudanças de natureza comportamental ocorrem no período da adolescência; algumas vezes, as mudanças de humor são comuns e impulsivas; defende a adolescente diante das situações expostas nessa etapa

de seu desenvolvimento.

Nesse contexto Zagury (1999), destaca que um dos fatores que favorece os adolescentes a realizar práticas inconsequentes na sua trajetória de vida é o modo imaturo de aceitar as ordens que seus responsáveis oferecem.

Pode-se também, considerar que é característico da adolescência criar barreira; tal atitude resulta em enfrentamento, pois faz parte do comportamento nessa fase, quando tudo que é proposto por parte da família ou outros à sua volta será questionado de modo provocante e sem limites (MONTEIRO *et. al.*, 2007).

Deste modo, observa-se que esse tipo de postura causa resultados irreversíveis na vida das adolescentes e de suas famílias. Torna-se, portanto, de fundamental importância o debate em casa, com a família, de maneira amigável, com possibilidade de um diálogo sobre a questão da descoberta da sexualidade, embora se reconheça o quanto é difícil.

Uma das práticas inconsequentes que prejudicam os jovens é a prática de sexo desprotegido, pois pode ocasionar uma gravidez precoce e indesejada, além do risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) dentre elas a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), ou o uso de drogas, dentre outras questões que despertam curiosidade nessa fase.

Quando a vida sexual se inicia, o que vem acontecendo cada vez mais cedo, muitas consequências podem ocorrer na vida da adolescente, como: a gravidez precoce; o abandono dos estudos ou o seu adiamento; maior dependência econômica dos pais, uma vez que a maioria das jovens continua morando com os mesmos após o nascimento do filho porque o pai da criança é, quase sempre, também adolescente e não tem condições para assumir tamanha responsabilidade; dentre outras questões.

O desenvolvimento da gravidez precoce no contexto familiar é peculiar, pois tudo depende da cultura na qual as adolescentes estão inseridas, colocando a família em outra condição, pela necessidade de desenvolver um novo papel a partir dessa problemática, tendo de enfrentá-la juntamente com a adolescente.

Paiva, (1996, p. 214), ao discorrer sobre sexo, lembra que o uso de preservativo é relevante para reduzir o índice de gravidez precoce, além de contaminação por doenças infectocontagiosas, como as DSTs AIDS e hepatites.

Os números da epidemia de gravidez adolescente e da AIDS, por sua vez, reelaboraram a sexualidade adolescente como um problema social, na

medida em que o medo e a repressão foram alimentados por estatísticas que ressaltam as consequências negativas da atividade sexual na adolescência. A partir de então, a sexualidade adolescente pode ser vista como um problema de saúde pública, além de um problema moral.

É fácil constatar o quanto a prática precoce da sexualidade pode provocar consequências negativas na vida da adolescente, de seus familiares, assim como do Sistema Único de Saúde (SUS) que é obrigado a acolher essa nova demanda.

Para Moreira *et al.* (2008), gravidez na adolescência traz riscos para as adolescentes nos mais diversos aspectos, sobretudo os físicos e psicológicos. Além disso, a imaturidade e a falta de apoio familiar ou social possibilitam complicações na gestação, pois a adolescente grávida acaba absorvendo diversos conflitos, ocasionando prejuízos para sua qualidade de vida e assim impossibilita sua inserção nos meios que contribuem para sua formação pessoal.

Ou seja, quando a adolescente mais precisa de tranquilidade para viver uma gravidez saudável, muitas vezes, ela se encontra em um ambiente tumultuoso, desagregador, tendo como consequência o desassossego o que poderá trazer problemas para o feto e para a própria adolescente.

Segundo Duarte (1998, p. 8), a gravidez precoce é um fenômeno de busca de identidade peculiar na adolescência:

A gravidez na adolescência não é um episódio, é parte do processo de busca de identidade, procura na qual a adolescente pode ter dificuldade em relação ao espaço e ao tempo, e que a faz assumir atitudes de rebeldia, buscar grupos menores ou até marginalizados que a compreendam, tentar soluções mágicas para seus problemas, criar juízos de valor e desprezar o que os adultos lhe impuseram e por isto desenvolver atitudes agressivas com aqueles à sua volta.

Cabe destacar que, por se tratar de uma fase de busca de afirmação de si mesma, na adolescência é comum, embora não seja natural, esses adolescentes manifestarem atitudes de agressividade, rebeldia e outros tipos de posturas inconvenientes quando se sentem rejeitados ou levados pelas circunstâncias do momento.

Diante da constatação dessa problemática, muitos profissionais, de áreas distintas do conhecimento, manifestam interesse pelo estudo da sexualidade e reprodução, sobretudo quando a causa é a antecipação da atividade sexual, ocorrendo sem nenhuma orientação profissional e familiar, sem qualquer prevenção.

Estudos bibliográficos apresentam que o início da atividade sexual, na

maioria das vezes, acontece precocemente, na fase de descoberta da sexualidade, é nesse período que os jovens devem ser orientados para o conhecimento sobre sexo, pois quando a antecipação da vida sexual ocorre as respostas para esse tipo de prática traz resultados poucos desejados (VIEIRA *et al*, 2008).

Assim, considera-se que a gravidez precoce pode ser minimizada, através de meios que objetivem a compreensão e importância do conhecimento sobre sexualidade e sexo; deixe claro para os jovens, suas respectivas famílias e profissionais da saúde que contribuam para minimizar essa problemática.

Verifica-se que, nos últimos anos tem crescido o número de casos de gravidez na adolescência. Isso exige diferentes esclarecimentos, pode ser: a inexistência ou insignificância da educação sexual, o aumento da liberdade sexual por parte das meninas e o desconhecimento dos métodos anticoncepcionais. Estes são fatores que afetam as adolescentes de classes menos favorecidas, de baixa renda e expectativa de vida (TIBA, 1986).

Desse modo, acredita-se uma temática da maior relevância, que afeta as famílias, os adolescentes; seus resultados interferem na vida desses de maneira bem conturbada; seja na educação, na cultura, na sociedade na qual estão inseridos, despertando inquietações diante do aumento desse fenômeno.

Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho é compreender a gravidez de adolescentes, identificar as mudanças na vida dessas meninas, a forma como esse problema social e de saúde pública pode ser enfrentado e, perceber as perspectivas e responsabilidades que as meninas enfrentarão nessa trajetória.

Essa pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender e estudar adolescentes que enfrentam essa problemática, ao tornarem-se mães ainda adolescentes. Conhecer e aprofundar o conhecimento sobre essa questão foi um dos motivos para a elaboração desse trabalho, expressando de modo construtivo um sentimento vivenciado por mim, enquanto estudante e futura Assistente Social.

É um estudo de grande relevância pessoal e profissional, pois a atuação do Assistente Social deve acontecer, sempre que necessário, sobretudo para contribuir com essas adolescentes, dentre outros sujeitos, em um momento delicado de suas vidas, seja orientando, acompanhando ou incentivando a buscarem os seus direitos.

Pode-se considerar, também, que as políticas públicas onde o profissional do Serviço Social atua é outro instrumento que contribui na garantia de direitos das

adolescentes. Sendo assim, cabe aos profissionais repassarem informações precisas, seguras e capazes de contribuir para diminuir o índice dessa problemática.

Mostrar os fatores que motivariam a gravidez precoce é complicado, pois ocorre, muitas vezes, por acidente ou mesmo propositalmente pela imaturidade das adolescentes. Porém, não é impossível entender que é necessário encontrar os meios para trabalhar de forma precisa e coerente a prevenção para que se possa reduzir esse índice preocupante de gravidez precoce.

Vivenciar uma gravidez precoce é a maneira mais rude de aprender a ser responsável, realidade que leva a adolescente a viver duas personalidades de uma só vez: a responsabilidade de ser mãe ainda menina. É essa fase que se tenta compreender.

A pesquisa sobre gravidez na adolescência pode ser considerada, quanto à sua finalidade, como uma breve revisão bibliográfica, de natureza qualitativa e exploratória. Esse estudo buscou apreender o significado da gravidez na adolescência para a menina mãe a partir de autores que já realizaram estudos, pesquisas sobre essa temática e, portanto, podem oferecer seus conhecimentos.

Por pesquisa bibliográfica, Gil (2010), compreende ser desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, conforme realizada neste trabalho. "Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet" (p. 29), lembra o autor.

Já por abordagem qualitativa imagina-se que seja o método mais apropriado para esse tipo de trabalho, por possibilitar a compreensão dos significados estabelecidos por estas adolescentes acerca da gravidez, pois corresponde a um espaço profundo das relações e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1998).

Sobre pesquisa exploratória, Gil (2010, p. 27), traz a seguinte afirmação:

[...] têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado. Pode-se afirmar que a maioria das pesquisas realizadas com propósitos acadêmicos, pelo menos num primeiro momento, assume o caráter de pesquisa

exploratória, pois neste momento é pouco provável que o pesquisador tenha uma definição clara do que irá investigar.

Sendo assim, esse trabalho está contemplado por esse tipo de pesquisa, porque procurou conhecer em diversos meios (livros, monografias, comentários, artigos, jornais e outros) o assunto em pauta, para melhor compreendê-lo.

A coleta de dados aconteceu no período de julho a dezembro do ano de 2016 e constituiu uma etapa importante do estudo, pois contribuiu e trouxe esclarecimentos para maior compreensão da temática pesquisada. O levantamento foi realizado nas bases de dados da *Scientific Electronic Library Online (SCIELO)*, e *Google* acadêmico onde foram encontrados livros, artigos científicos, monografias, periódicos online e outras publicações científicas, aconteceu no período de julho a dezembro do ano de 2016.

Após a seleção e leitura dos textos, foi cuidadosamente realizada a leitura analítica, com fins de organizar as informações contidas nas fontes consideradas relevantes, de maneira que possibilitou obter as respostas ao problema da pesquisa.

Os artigos selecionados foram lidos e analisados de acordo com suas características; incluíram o título, autor, país e ano de publicação, enfoque metodológico, instrumento de coleta de dados e compreensão dos autores.

Finalizada a etapa de leitura das fontes, identificadas as obras pesquisadas e registrados os dados relevantes delas obtidos, realizou-se a interpretação e descrição dos mesmos, de modo que fossem associados ao referencial teórico do estudo, apresentando como resultado a presente trabalho.

Assim, esta monografia apresenta a seguinte estrutura: de início, na introdução tem-se a contextualização do objeto, seus objetivos, justificativa pela escolha da temática e o percurso metodológico de realização da pesquisa. O segundo capítulo traz conceito de adolescência e uma discussão sobre adolescência e sexualidade; o terceiro capítulo discorre sobre gravidez como um problema social e de saúde pública, revelando os problemas que a adolescente e a família enfrentam nesse período; o quarto capítulo apresenta uma discussão de diversos autores enfatizando essa temática de modo diversificado, além da percepção sobre o assunto apreendido junto às adolescentes mães; e por fim, as considerações finais.

## 2 O PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um período na vida do ser humano, entre 10 e 19 anos, em que ocorrem muitas transformações. Implica em uma fase que inicia-se com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade, obtendo progressivamente sua independência econômica, além da integração em seu grupo social. Ainda é considerada por muitos como um período de conflitos e de crises.

### 1.1 Conceituando adolescência

De acordo com Outeiral (2003), a palavra adolescência vem do latim, onde *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), quer dizer condição ou processo de crescimento do adolescente que permite vivenciar esse momento de formação. É caracterizada por três momentos: a fase inicial – dos 10 aos 14 anos; quando acontecem alterações psicológicas e físicas; a fase intermediária – dos 14 aos 17 anos, quando acontece a curiosidade e o conhecimento sobre a sexualidade; a fase final – dos 17 aos 20 anos, momento em que acontece a afirmação e aceitação de um novo mundo como um ser o adulto.

Por se tratar de uma fase intermediária do desenvolvimento humano, entre a infância e a fase adulta, é considerada como a etapa da vida relacionadas aos conflitos e às crises, além da afirmação da identidade. É um período marcado por inúmeras transformações corporais, hormonais e comportamentais. Seu início e término não são definidos com exatidão, pois varia de pessoa para pessoa.

Segundo Ariés (1978 *apud* FONSECA; MELCHIOR, 2010), as mudanças que ocorrem na adolescência se alteram de acordo com o tempo e a cultura na qual se inserem os sujeitos; predominam os traços da personalidade que se encontra em construção.

Nessa fase é importante que o adolescente seja acompanhado pela família, o berço onde as primeiras lições sobre caráter, formação da personalidade deve acontecer; pela escola, lugar de construção de conhecimentos, saberes, socialização, intercâmbio com os pais e a sociedade, universo no qual se encontra.

Para Caridade (1999, p.206), a adolescência é concebida como:

Algo que é próprio do sujeito, quando nele se operam intensas transformações. Nesse sentido, a crise da adolescência é expressiva do crescimento que nela se dá; crescimento marcado por desorganizações

físicas, hormonais, psíquicas, emocionais e por consequentes reorganizações. Toda crise nos coloca diante de emergências, enfrentamentos, superações, desafios. Em culturas orientais, o termo significa 'oportunidade e perigo', veiculando ideias de promessas e receios, que são típicos do que é vivido em um estado emergencial de mudança.

Então, nota-se que a adolescência tem diversos significados como oportunidade e perigo, com transformações físicas e psicológicas, de vivências conflituosas e ideias confusas, muitas vezes, permeadas por incertezas e receios.

Sabe-se que esta é uma fase que os adolescentes podem mudar muito e rapidamente em relação ao humor e comportamento. Agressividade, tristeza, felicidade, agitação, preguiça, curiosidade, inquietação são comuns entre muitos adolescentes neste período.

Por se tratar de um período complexo, de tantas modificações, torna-se indispensável que o adolescente tenha acompanhamento psicológico, apoio familiar, orientação adequada para que ele possa adquirir confiança, pois o adolescente precisa de segurança para essa maturidade ocorrer de forma transformadora e bem-sucedida em seu processo vital.

Osório (1989, p.10) sobre o processo de maturidade da adolescência afirma o que se segue:

Até algum tempo atrás, era considerada meramente uma etapa de transição entre a infância e a idade adulta. Sua caracterização era feita a partir dos comemorativos biológicos que marcavam esse momento evolutivo do ser humano. O adolescente, se do sexo masculino, era descrito como um indivíduo desengonçado, que estava mudando de voz e deixando entrever o buço em meio a uma constelação de espinhas; se do sexo feminino uma criatura igualmente desproporcionada, o torso arqueado para esconder o desabrochar dos seios e as faces ruborizadas ao menor galanteio, como ordenava o pudor e a boa moral caseira.

Por se tratar de uma fase de transição, com ocorrência de alterações físicas por conta dos hormônios, o adolescente necessita de respeito e cautela, para aceitar as mudanças corporais sofridas, respeito esse que deve ser manifestado principalmente pela família, sobretudo pelos pais. No entanto, essa formação da adolescência diante da construção de personalidade e transformação de corpo é um conjunto de fenômenos que se concretiza e denomina o adolescer.

De acordo com Torres (2003, p.263), a adolescência é vista como uma viagem:

O adolescente está numa viagem de alta descoberta e sempre mudando de rumo, tentando encontrar o caminho certo. Faz experiências com novas identidades, novas realidades, novos aspectos de sua personalidade. Esta exploração é saudável na adolescência. Mas o caminho nem sempre é fácil para o adolescente. As mudanças hormonais podem causar inesperadas

alterações de humor. As forças negativas do ambiente social podem explorar a vulnerabilidade do jovem ameaçando-o com problemas de drogas, violência ou sexo sem segurança. No entanto, a exploração prossegue como uma parte natural e inevitável do desenvolvimento humano. Entre as empreitadas importantes que o adolescente enfrenta nessa exploração está a da integração da razão com a emoção.

Sem dúvidas, as transformações hormonais podem causar alteração no humor do adolescente, pois para eles é como se estivessem em uma viagem de altas descobertas e na qual tentam encontrar o caminho certo, realizando novas experiências e nova realidade para seu adolescer.

Apesar de os jovens não darem a devida significância às informações ou a qualquer tipo de conhecimento para sua vivência e construção de sua personalidade, esses jovens acabam praticando atitudes que lhes causam danos.

Neste sentido, os pais precisam acompanhar a desenvoltura dos seus filhos salientando a importância de uma relação aberta sobre a sexualidade.

Com a base na idade para a adolescência, pode-se considerar que é uma fase permeada de conhecimento, onde a criança ou o adolescente mergulha nos seus próprios conflitos, gerando de forma prolongada as transformações, tanto na área física como psicológica (BRASIL, 1990).

Desse modo, Knobel (1981, p.26), complementa a conceituação de adolescência como sendo:

Etapa da vida durante a qual o indivíduo procura estabelecer sua identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações: objetos parentais internalizados e verificando a realidade que o meio social lhe oferece, mediante o uso dos elementos biofísicos em desenvolvimento à sua disposição e que por sua vez tendem à estabilidade da personalidade num plano genital, o que só é possível quando consegue o luto pela identidade infantil.

Pode-se compreender que essa identidade é conceituada na descoberta da sexualidade, quando essa descoberta ocorre de forma saudável e consciente é mais significativa para os jovens que precocemente se inserem no contexto da adolescência.

A instabilidade de personalidade indica que a adolescência quase nunca é vivenciada com simplicidade e tranquilidade, uma vez que, frequentemente é um momento instável. Os sentimentos dos jovens não são mais como o de criança, tampouco como os de adultos (MANDU, 1997).

A adolescência destaca-se por ser um período de descobertas, principalmente quando envolvida por uma vida social ampla e ativa. Porém, quando a gravidez na adolescência ocorre, pode vir a interromper esse processo de

desenvolvimento da própria idade, fazendo assumir responsabilidades e papéis de adulto, antes da hora.

Para Chipkevitch (1994), desde que a adolescência passou a ser considerada uma fase distinta do desenvolvimento do adolescente, a elaboração da identidade passou a ser vista a partir de diferentes passos que devem ser construídos no decorrer de sua caminhada, ou seja, até a fase adulta, quando este tem sua identidade formada.

Fica claro a importância do acompanhamento do adolescente pela família, pela escola e outros, porque é nessa etapa da vida que a pessoa desenvolve o seu caráter, forma sua personalidade, identifica os elementos que irão construir sua identidade. Assim, trata-se de uma fase que a pessoa deve ser devidamente acompanhada, instruída, requerendo a presença ativa da família.

Para Aberastury (1980), a família é um dos pressupostos que media o crescimento dos adolescentes, quando possui um relacionamento baseado no diálogo compreensivo e sem imposições de regras contrárias do que os adolescentes desejam; essa fase os leva a ser mais consciente.

A transição da adolescência, a princípio, é marcada por mudanças, causando assim conflitos em sua personalidade e despertando imaginação e curiosidade diante essa transformação. Essa curiosidade por diversos assuntos, por exemplo, vai crescendo de acordo com a evolução da idade, e permeando o período por vários conflitos, ocorrem, assim, mutações na formação do adolescente e o torna vulnerável a riscos distintos para tal transformação.

Essa agitação de identidade do adolescente vai gerando divergentes conflitos os quais podem afetar seu meio familiar e social, ocasionar reflexos na construção para a fase adulta, antecipar o processo de maturidade.

No decorrer da adolescência, as mudanças acontecem principalmente por conta do comportamento, humor, postura, as emoções ficam mais aguçadas diante de situações que vivenciam, em meio a essa construção.

Porém, Zagury (2001, p.145) aponta características negativas na adolescência: "como capacidade inesgotável de se opor, insegurança e baixa *autoestima*, certa dose de depressão; precisam de amor, são jovens e estão aprendendo". São distinções que compõem as atribuições da idade, tornando-se negativas no sentido de imaturidade e por não serem características almejadas, mas recorrentes pela fase.

Assim sendo, a adolescência define-se como um desenvolvimento intenso da personalidade dos sujeitos que estão em desenvolvimento.

Ainda de acordo com Zagury (2001), a adolescência em meio a tantas diferenciações é um desenvolvimento em construção onde é interpretado por mudanças, tanto no corpo como no desenvolvimento cognitivo, são diversas transformações que podem ter destaque ou não na vida dos adolescentes.

Diante desses contrastes chamados transformação, os adolescentes podem considerar que necessitam se desfazer de alguns aspectos ainda relacionado à sua formação infantil para o seu crescimento na fase adulta.

Ressalta-se alguns pressupostos na fase da adolescência, como: a aceitação do corpo que entra em transformação adquirindo uma nova configuração pelo efeito da puberdade; a mudança de comportamento entre pais e filhos, pois muitos dos privilégios como criança darão lugar a outros aspectos, como a responsabilidade; e a forma de se referenciar aos seus pais como refúgio e proteção diante de qualquer fato ocorrido por sua competência como adolescente. (OUTEIRAL, 1994).

Pode-se, então, entender a adolescência como uma transição de vida, em que a puberdade é o fator primordial para mudanças no desenvolvimento dos adolescentes, que necessitam de atenção, esclarecimentos sobre essa fase de inicialização da sexualidade, de conhecimento do corpo, e de atuação sexual na vida jovem para uma personalidade consciente de todo o processo de transformação. Começa, então, um novo estágio de vida, as responsabilidades começam a ser definidas, exige comprometimento de cada um.

## **2.2 Adolescência e Sexualidade**

Sobre a origem da sexualidade no ser humano, de acordo com a teoria de Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 233), inicia-se desde o nascimento da criança:

A criança, assim que nasce, está preparada para lutar pela sua sobrevivência. Ela irá sugar o leite materno, auxiliada por um reflexo conhecido como reflexo de sucção. Este reflexo é acompanhado do prazer do contato da mucosa bucal com o seio materno. Parece óbvio pensar que tal função (alimentação), tão fundamental para o recém-nascido, não pode ser desagradável, ainda mais sabendo que o reflexo de sucção logo desaparecerá. Em pouco tempo, a criança aprenderá que o contato do seu próprio dedo com a boca também causa prazer. Neste caso, o prazer não está mais vinculado à finalidade de sobrevivência, mas é apenas o prazer

de erotismo e considera seu aparecimento com a primeira manifestação da sexualidade. Ora, essa tão singela e inocente descoberta será fundamental para que a criança percorra o caminho que a levará à busca do prazer sexual, que também está desvinculado de suas finalidades, já a relação sexual se dá pelo prazer que ela oferece ao indivíduo, e não por um reflexo da espécie.

Compreende-se, dessa maneira, que a sexualidade, entendida a partir de um enfoque amplo e abrangente, manifesta-se em todas as fases da vida de um ser humano e, ao contrário da conceituação vulgar, tem na genitalidade apenas um de seus aspectos, talvez nem mesmo o mais importante. Dentro de um contexto mais amplo, pode-se considerar que a influência da sexualidade permeia todas as manifestações humanas, do nascimento até a morte.

A sexualidade é a fase que mais confunde os adolescentes, quando não esclarecida de maneira correta com as informações que os adolescentes necessitam saber. Isso acarreta problemas na vida deles. O conceito de sexualidade se torna confuso pelo fator cultural, tornando-se um conceito que hoje é visto com naturalidade, mas, ao mesmo tempo, não é discutido, apenas praticado de maneira incorreta.

Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 301), em suas análises, afirmam que o sexo na juventude “parece estar sempre no limite entre o desejo e a repressão”. Essa premissa permite que se perceba que a sexualidade, nessa fase da vida, é apenas um exercício ou mesmo vivência, fazendo com que o conhecimento não seja prioridade. Cometem, portanto, erro de inversão de valores, apenas um ato de prazer e não mais afetivo; tal ato ocasiona uma confusão para a vida sexual e pessoal.

Ressalte-se pois, que nessa fase a sexualidade é o momento de preocupação, porém de necessárias intervenções entre a família, profissionais da área da saúde e da educação, os quais devem elaborar intervenções que venham a contribuir nessa etapa de alterações hormonais trazendo mudanças no desenvolvimento da adolescência.

Para Tiba (1991, p. 91), os hormônios sexuais iniciam:

Na menina aos onze anos e no menino aos treze anos de idade. As características sexuais masculinas secundárias surgem geralmente nesta sequência: início do crescimento dos testículos; nascimento de pelos pubianos lisos, pigmentados; início e aumento do pênis; primeiras mudanças de voz; primeira ejaculação; surgimento dos pelos pubianos encarapinhados, distribuídos em forma de losango com uma das pontas atingindo o umbigo; crescimento máximo; aparecimento dos pelos axilares; acentuadas mudanças de voz; desenvolvimento da barba. No surgimento

das características sexuais femininas secundárias, a sequência é como segue: aumento inicial dos seios; aparecimento dos pelos pubianos lisos, pigmentados; aparecimento dos pelos pubianos encarapinhados, distribuídos em forma de triângulo, com borda superior na horizontal; menstruação; crescimento dos pelos axilares.

Mostra-se que as características hormonais entre o sexo masculino e feminino surgem em idades distintas, na menina aos 11 anos e nos meninos a partir dos 13 anos, porém os dois tendem a concretizar essas características através de suas curiosidades e no despertar do seu desenvolvimento, quando vão se auto conhecendo.

De acordo com Tiba (1991), a rapidez com que o corpo da adolescente vai enfrentando faz com que a sexualidade gere diversas etapas diferentes entre si. De modo que é comum as características desse movimento serem transtornados, como a coordenação establanada, a voz grossa ou fina demais, a força física e sua maneira de andar se descontrolam, no entanto, passando a existir uma confusão em todos os sentidos que estão se concretizando nesse período, principalmente confusão entre sexualidade e sexo, principalmente sexo seguro.

Reconhece-se que a questão sexual até hoje é muito distorcida, pelo fato de décadas passadas esse conhecimento de sexo ser um tabu. A idealização de sexo era repreendida e ainda se repete em algumas famílias, desse modo essa repressão acaba prejudicando a vida de meninas que precisam de orientações devidamente corretas sobre sexo e sexualidade, para evitar situações indesejadas.

Para Andrade (2005), a sexualidade na adolescência é um dos conceitos que forma a passagem na adolescência. Assim, falar sobre sexualidade a um ser que deve ser visado de forma sexuada e não reprodutiva, porque para os adolescentes a sexualidade, na contemporaneidade, deve ser um assunto abordado claramente e de modo natural para que eles não confundam suas escolhas.

No entanto, a sexualidade também é parte de uma questão cultural, e a cultura sexual atualmente é vista como um certo afrouxamento da moral uma vez que se tem liberdade de escolha; e mesmo com essas escolhas de gêneros, a sexualidade ainda é um assunto antagônico, pois relatar escolhas pode ser uma feição de confronto para pais que não sabem lidar com esse assunto.

Para Souza (1987, p. 27), existem mudanças que referenciam a sexualidade:

Há um estímulo à livre expressão de ideias e sentimentos, as diferenças são valorizadas e consideradas fator de enriquecimento. Os conceitos de

certo e errado perdem sua rigidez, atendo-se a fatores subjetivos. Em consequência, os castigos corporais são banidos e recorre-se à argumentação e ao diálogo. A sexualidade não deve mais ser encarada como tabu e sim tratada com naturalidade, o respeito à individualidade do outro torna-se o único limite à liberdade de escolha.

A sexualidade não deve ser encarada como um fato proibido, mas um assunto natural para que os jovens possam ter o conhecimento expressivo e natural do seu corpo, dos seus desejos e do modo como lidar com os mesmos.

Para uma melhor compreensão do desenvolvimento da sexualidade na adolescência é preciso explanar as considerações feitas anteriormente sobre a cultura sexual contemporânea dos adolescentes. Principalmente, uma ampla visão sobre sexualidade, e como se desenvolve na vida desses, ou seja, um entendimento do contexto social e cultural no qual o jovem está inserido.

Em conformidade com Brandão (1999, p.166), ao descrever algumas considerações pertinentes a sexualidade que contribuem para uma melhor compreensão:

A sexualidade é um domínio cercado de mistérios, tabus, proibições, ao mesmo tempo em que tem sido, secularmente, um discurso repetido até a exaustão, uma fala pública para uma prática privada, vivida como domínio de pura emoção, da natureza [...] A sexualidade, como já afirmamos anteriormente, tem sido fortemente regulada, não tanto no âmbito da legislação, mas das relações cotidianas: é a religião, a família, a medicina, a psicanálise, a mídia que se constituem em elaboradores e repassadores de códigos e definições. Paralelamente, ela é o lugar por excelência de transgressão, numa eterna e séria brincadeira de ocultação e desvelamento.

Observa-se que a sexualidade sempre foi e permanece um assunto que reserva surpresa, esconde posturas e se faz embalada pelo silênciar de ser, acontecer; seja nas práticas vivenciadas pelos mais jovens, seja nas vivências dos adultos e de idade mais avançada.

Para compreendermos de que forma estrutura-se a sexualidade na adolescência é preciso levar em conta três aspectos que se complementam e que precisam ser trabalhados nesse despertar de transformações: a maturação que ocorre na puberdade, as mutações psicológicas e comportamentais que se concretizam e a cultura sexual da sociedade em que o adolescente se insere, moldando essa formação da sexualidade na adolescência (PAIVA, 1996).

Os jovens, geralmente, encontram algumas informações e conhecimentos sobre a sexualidade, no entanto, muitas vezes, eles não as valorizam, principalmente quando essas orientações são transmitidas pelos pais. Quase sempre a discórdia acontece por entenderem como imposição e controle por parte

do familiar.

Percebe-se que, na atualidade, muitos pais tentam realizar um diálogo flexível com seus filhos sobre sexualidade, porém muitos filhos não veem essa preocupação com bons olhos, ao acharem que pais não podem orientar, transmitir conhecimento e informações sobre sexo e sexualidade, ou seja, trata-se de um entendimento absurdo que os filhos adotam sobre seus pais.

Para Abramovay, Castro e Silva (2004, p.193) os jovens não se protegem.

Os jovens ainda têm relações desprotegidas vãs desde dificuldades objetivas de acesso aos serviços de saúde até razões culturais. Os autores mencionam entre as causas: porque os pais nem sempre conversam com os filhos sobre a contracepção; porque a escola não fornece informações de qualidade; em nossa cultura, a contracepção é um assunto considerado feminino, e os adolescentes do sexo masculino ainda acreditam que não é um problema que diz respeito a eles; além de que os jovens, muitas vezes, não têm acesso aos serviços de saúde para atendimento ginecológico e escolha de um método contraceptivo. Além disso, os programas voltados para sexualidade e saúde reprodutiva são poucos e as informações sobre prevenção de AIDS, DST e gravidez entre os adolescentes ainda são escassas, assim como a distribuição de preservativos é insuficiente.

As informações e esclarecimento sobre os meios de prevenção devem ser utilizados no período de descoberta da atividade sexual, porém essas medidas ainda são pouco praticadas, pois a explicação pode iniciar nas escolas, ou entre os próprios jovens, mas devem acontecer e permanecer como uma estratégia que venha a maximizar as informações nesse período de descobertas, transformações e aprendizados.

Diante das discussões sobre a sexualidade na adolescência, pode-se também considerar que a questão cultural é um dos fatores que pode dificultar o diálogo entre pais e adolescentes, pois muitos dos pais vivenciaram outra forma de educação, não obtiveram nenhum tipo de diálogo ou orientação, no entanto, está diante de uma necessidade de conhecimento para promover um diálogo compreensivo entre as partes e para que se consiga controlar atitudes inconsequentes na fase da adolescência.

Para Santrock (2003, p. 240) reflete que:

Na adolescência, a vida é envolta pela sexualidade. É um período de exploração e de experimentação sexual, de fantasias e realidades sexuais, de incorporação da sexualidade na identidade da pessoa. Os adolescentes sentem uma curiosidade quase insaciável pelos mistérios do sexo. Pensam se são sexualmente atraentes, em como fazer sexo e no que o futuro reserva para suas vidas sexuais.

A sexualidade é um assunto difícil de ser dialogado, principalmente por apresentar distintas curiosidades, que adentram na vida do adolescente. Ao descobrir a sexualidade ele mesmo busca se aprofundar nesse assunto, vindo a conduzir essa descoberta de forma, muitas vezes, incorreta apenas como um ato, um impulso, o que pode prejudicar seu relacionamento sexual futuro.

E por excesso de curiosidade é necessário que instituições de ensino, entre outras, contribuam na educação sexual dos adolescentes, investindo em intervenções positivas para uma orientação sexual sadia, tranquila e natural.

Desse modo, para Tiba (1994), tempos atrás, escolas e pais rejeitavam dialogar com seus filhos sobre sexualidade, pois era entendido que a melhor prevenção era não tocar no assunto, inclusive no Brasil, a Igreja Católica, era a instituição com grande influência no ensino e que muito contribuiu com a omissão de informações seguras relacionadas ao sexo.

### **3 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM PROBLEMA SOCIAL E DE SAÚDE PÚBLICA**

A gravidez na adolescência é considerada um problema social de saúde pública. Porém, existem distintos contextos nos quais são frisados, com frequência, sobre estudos e debates relacionados ao problema, pode-se citar um dos mais relevantes, como: o aumento da taxa de fecundidade entre a população adolescente. Na questão qualitativa, fala-se do despreparo das adolescentes, atingindo a condição física, psicológica, socioeconômica dentre outras.

A gravidez precoce vem acompanhada de fatos que podem trazer transformações na vida da menina. Essas transformações são caracterizadas pelos conflitos familiares; evasão escolar; transformações físicas, comportamentais, conflito social, e muitos outros fatores.

A interrupção de possibilidades no desenvolvimento dessas jovens é relativa a cada cultura na qual elas se inserem; o fator dessas interrupções é a vida sexual iniciada precocemente, desse modo riscos são impostos à vida dessas meninas.

A gravidez na adolescência se destaca por se tratar de um assunto que ainda hoje é pouco comentado; tem como causas a falta de orientação, falta de prevenção, porém muitos outros riscos são prováveis de acontecer a essa adolescente.

A compreensão dessa problemática ainda é inconstante na contemporaneidade, pois necessita-se de pais mais conscientes em relação à educação e orientação sexual de seus filhos, assim efetivando uma relação serena e clara evitando retardações e consequências indesejadas.

Constata-se que a gravidez precoce gera consequências imediatas e a longo prazo, tanto para a adolescente quanto para o recém-nascido, pois essa menina, e agora mãe, passa a apresentar problemas com o seu crescimento, desenvolvimento comportamental, emocional e outros, originados na opressão que vivencia durante a gestação, como a insegurança, o medo, a apreensão ansiedade e outros.

De acordo com Socal (2003, p. 73), no período da gravidez a adolescente se

encontra em meio a duas mudanças distintas, na sua vida.

A gravidez na adolescência é um problema complexo, pois implica em dois fenômenos do desenvolvimento humano: adolescência e gestação. A adolescência é um período de crescimento e desenvolvimento humano, e que se observam várias e substanciais mudanças na vida e nos corpos infantis, a citar e acentuado crescimento pardo-estatural, o surgimento de novas formas de física e estética, as transformações do funcionamento orgânico, a construção de novas relações intersubjetivas e manifestações peculiares de novos sentimentos, modos de pensar e se comportar refletindo novas identidades, e inserções no mundo interno e externo da família. Já o período gestacional é repleto de modificações físicas, psicológicas, hormonais, neurológicas, sociais e familiares. A saúde reprodutiva depende de uma gama de condições socioculturais propícias tais como serviços de saúde de qualidade, adequado às condições de vida e estabilidade afetiva.

No entanto, independentemente da cultura de cada adolescente a gravidez precoce pode acontecer, provocando assim sentidos complexos na vida dos adolescentes, e prioritariamente o sistema psicológico é o mais afetado.

Quando a descoberta da sexualidade ocorre de forma saudável e consciente é bem mais significativa, ou seja, a vida sexual acontece seguramente, de maneira satisfatória, tranquila e ambos participantes vivenciam a atividade com segurança, livre do medo e da incerteza de consequências indevidas. Geralmente, informações são trocadas entre jovens o que pode acontecer de maneira correta mas, em muitos casos, também de forma incorreta, ou seja, as práticas são realizadas imprudentemente causando, assim, divergências entre os mesmos.

Torres (2003), diz que na adolescência existe uma quantidade de fatores entrelaçados que não são informados pelos pais e nem pelas instituições de saúde e de educação de maneira coerente que contribuam para que ocorra a gestação precoce, resumem-se em alguns pressupostos, tais como: com a chegada dos hormônios na puberdade o desejo sexual passa a ter intensidade assim e impulsionam o adolescente para o início da atividade sexual; inicia-se a atividade sexual como parte do desenvolvimento de busca da identidade dos adolescentes; a família proporciona uma considerada influência na sexualidade dos filhos; a sociedade por meio de imperativos morais, religiosos, fatores socioeconômicos também propiciam o início da atividade sexual.

Considera-se que a sexualidade seja percebida naturalmente na adolescência, e é cabível que os adolescentes sejam sexuados, porém que a sexualidade seja distinguida e explanada por um gênero, estabeleça a adolescência como uma sexualidade heterossexual e não reprodutiva, impeça constrangimentos

entre as partes envolvidas (PAIVA, 1996).

No entanto, não se pode ignorar essa fase de transição, e, dependendo do acompanhamento que os adolescentes recebem sobre a sexualidade, ou outros fatores que implicam nesse período da adolescência, é preciso transmitir orientações que contribuam positivamente nos relacionamentos que acontecem na adolescência.

Contudo, deve-se considerar que reconhecer a relevância sobre essa questão da descoberta da sexualidade é fato, pois, quando não esclarecida devidamente, transcorrem fatos indevidos que podem causar danos para a vida toda; preocupam família e sociedade, como é o caso de uma gravidez precoce.

A gravidez na adolescência traz vários efeitos na vida das meninas, atinge-as diretamente e afeta a sociedade, restringe e adia possibilidades de desenvolvimento, o acesso dessas jovens na sociedade.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é considerada gestação de alto risco devido à repercussão que se dá sobre a mãe e seu filho. Uma pesquisa realizada em 2004 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), ocorreram, naquele ano, quase três milhões de nascimentos no país, dos quais 594.205 correspondiam a 21,3% das mães entre a idade de 10 e 19 anos, ou seja, um quantitativo substancialmente preocupante para essa faixa etária.

A análise da pesquisa indica que a maioria de adolescentes grávidas está entre a faixa etária de 15 e 19 anos, quando acontece, são casos específicos: meninas ingressarem na vida sexual muito cedo, por não terem a orientação correta para prevenção e desconhecerem os riscos de uma gravidez precoce; ou, mesmo adolescentes que têm conhecimento dos métodos, mas não as põem em prática, rejeitam-nos e, assim, se dispõem a enfrentar um leque de responsabilidades de maneira imatura.

De acordo com Françozi (2006, p. 35), “para entender a gravidez na adolescência é necessário considerar os aspectos biológicos e sociais, pois ocorre nos primeiros anos de idade ginecológica, quando a adolescente ainda se encontra dependente social e economicamente da família”. Entende-se que a família é um dos princípios para relevar qualquer fator que cause danos na construção dos aspectos ginecológicos das adolescentes.

Conforme a Organização Mundial de Saúde (2002, p.5):

A gravidez adolescente é classificada como gravidez de riscos. Riscos maternos como maior incidência de toxemia (pré-eclâmpsia e eclâmpsia), de anemia, infecções e complicações ligadas às variáveis do parto (desproporção céfalo-pélvica, trabalho de parto prolongado, parto operatório, maior mortalidade materna).

Os riscos maternos na gravidez precoce são maiores do que ocorrem em uma gravidez planejada, tais como a anemia, eclâmpsia, e complicações no parto.

E por ser assim, acredita-se que quando a gestação acontece antes dos 15 anos, os riscos para a menina mãe, assim como para o bebê são bem mais intensificados, como: partos prematuros, incapacidade da placenta se formar devidamente, morte fetal no nascimento, abortos espontâneos, baixo peso devido à prematuridade da menina dentre muitas outras ocorrências, como já foi citado.

Quando a adolescente vem de uma cultura menos favorecida pode-se dizer que são as jovens que mais se inserem nesse problema social, pois o fator econômico pode ser determinante para o acontecimento desse fato, isso porque a maternidade precoce acontece mais nas classes menos favorecidas, em que se encontra um elevado número de adolescentes grávidas (MIDDING, 2004).

Pressupõe-se que devido ao desamparo presente nessa população, a gravidez na adolescência ocorra com mais frequência e a reincidência também prevaleça, pois muitas dessas meninas ainda não levam em consideração o sofrimento vivenciando.

Porém, isso não significa dizer que a gravidez precoce ocorra somente nas camadas mais pobres da sociedade, mas é nesse grupo social que se expressa um maior número de casos e que o sofrimento se perpetua.

Para Pereira (2009), a autoridade dos pais diante de seus filhos mostra-se insignificante, pois os filhos têm maior liberdade de ação; dessa forma, permitem que fatores irreversíveis se propaguem, um deles é a gravidez precoce.

O MS apresenta várias causas que favorecem a gravidez na adolescência, tais como a falta de orientação sobre educação sexual nas escolas, no convívio familiar e em programas de planejamento familiar nos serviços públicos de saúde. Quando as adolescentes engravidam passam a se inserir em um contexto de conflitos, sem compreender seu comportamento e personalidade e nem de expectativas diante da sociedade e de si mesmo (BRASIL, 2005).

A literatura aqui relatada expõe a necessidade de meios e ações que levem as adolescentes a evitar uma gravidez precoce, como os programas e

projetos, em forma de políticas públicas, capazes de atingir todas as classes sociais e com um direcionamento eficaz para as camadas pobres, pois é de onde surge a maior quantidade de grávidas. Sendo assim, deve-se buscar parcerias com a escola, a sociedade e o próprio meio familiar.

### **3.1 Gravidez na adolescência: um problema social e de saúde pública**

A gravidez na adolescência é considerada um problema social e de saúde pública e, cada vez mais, se expande no mundo contemporâneo mesmo informatizado. Quanto mais cedo ocorrida essa gravidez, mais prejudicado se torna o futuro da jovem mãe e do bebê, enfraquecendo e até eliminando qualquer perspectiva de vida para mãe e filho.

Segundo Pinheiro (2000), na maioria das vezes, o abandono – realidade que a adolescente é obrigada a enfrentar, a fortalece; e com o passar do tempo, essa adolescente pode recuperar seus desejos de adolecer, mas não será fácil se manter entre duas personalidades, adolescente e mãe.

A gravidez na adolescência necessita de políticas públicas que ofereçam os cuidados necessários ao bebê e a si própria; programas de saúde e educação devem ser iniciados para conscientização responsável.

Mobilizar a sociedade, as famílias e as instituições onde os jovens frequentam, permanentemente, também é um meio de levar informação e pode fazer diferença na vida dos mesmos por coibindo uma nova ou uma reincidente gravidez precoce.

Para a efetivação permanente nos trabalhos de prevenção realizados na fase da adolescência, é necessário que a saúde pública estabeleça uma organização e cumprimento de ações na rede de saúde pública e nas três esferas, Federal, Estadual e Municipal, visando estratégias e ações que minimizem a gravidez precoce (BRASIL, 2006).

Não se trata de fazer a reprovação ou a consagração da gravidez na adolescência, mas sim de entender a realidade que sem descuidar nos remetem várias consequências diretas na vida das jovens, daí a necessidade de acompanhamento, orientação e, em parte, de vigilância.

Essa problemática é respectivamente agregada a uma interrupção de trajetórias, como, sonhos, esperanças, dores, decepções e que permitem às meninas se apropriar das desventuras desse despreparo de ser mãe. Enfim para

essas meninas ser mãe é uma das poucas alternativas que lhes restam.

Diante do índice de maternidade precoce ainda ser considerado elevado, muitas vezes, essa gravidez ocorre por falta de planejamento do casal que vive relação afetiva, assim causando repercussões na formação das adolescentes. A gravidez precoce interrompe a etapa da vida educacional levando as jovens a abandonar seus sonhos, formação acadêmica e profissional.

De acordo com Hoga *et.al* (2010, p.152), a gravidez na adolescência se constitui num problema presente em diferentes camadas populacionais.

Apesar de a gravidez na adolescência ocorrer com maior frequência nos grupos mais empobrecidos, não se pode negar que o fenômeno acontece em todos os estratos populacionais, porém suas consequências podem ser mais negativas para adolescentes cuja inserção social restringe o acesso a bens materiais e imateriais.

Os índices são distintos sobre essa problemática, porém é diversificado por classe social. Geralmente a gravidez precoce é mais recorrente em regiões que as classes menos favorecidas se estabelecem e são caracterizadas por miséria, pobreza e grupos sociais desfavorecidos.

Mas de acordo com Moraes (2004), enfrentar uma gravidez precoce não é fácil, mas também não é impossível, embora o que possa facilitar essa questão seja a sua condição socioeconômica e familiar, pois, a partir dela, a adolescente deverá ter uma única percepção, a de se responsabilizar e cuidar do que vem adiante – sua vida materna e adulta, seu filho, o único indivíduo que não tem culpa e se prepara para vir ao mundo.

Acontece que, na maioria dos casos, muitas adolescentes ficam desassistidas pela família ou pelo parceiro que também é adolescente, porém, pode-se afirmar que o impacto na vida dessas meninas é menor quando esse fenômeno é vivenciado na sociedade de classe econômica estável.

Vitalle e Amâncio (2008), dizem que a ocorrência da gravidez precoce é uma das dificuldades permanentes no convívio familiar da adolescente. Essa problemática afeta, sobretudo, camadas mais pobres da sociedade, em que uma gravidez não planejada vem como um fator a mais para dificultar a sobrevivência de mais uma vida num meio familiar sofrido pela ausência de estabilidade econômica.

A gravidez de uma adolescente pode limitar sua educação, restringir suas capacidades para o trabalho, reduzir sua qualidade de vida e adiar sua formação

profissional. Ou seja, as jovens que têm filhos no período da adolescência têm chance maior de estar em desvantagem em tudo que lhe pode ser ocorrer durante sua vida.

Salienta-se ainda que a gravidez não é responsabilidade somente do gênero feminino; cabe lembrar que o sujeito masculino também passa por algum tipo de transformação, independente desse gênero masculino, que em muitas ocasiões foge das responsabilidades de pai e deixa os custos e cuidados de uma gravidez inconsequente para a menina (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

A maternidade precoce interrompe diretamente todos os sonhos da menina, que agora assumirá o papel de mãe. Esse fato pode ser considerado como uma problemática e acaba afetando a sociedade por se tornar mais um fato social.

Segundo descreve Vitale e Amâncio (2008, p. 68),

A gravidez na adolescência tem sérias complicações biológicas, familiares, emocionais e econômicas além das jurídico sociais que atingem o indivíduo isoladamente e a sociedade como um todo, limitando ou mesmo adiando as possibilidades do desenvolvimento e engajamento dessas jovens na sociedade.

Diante dessas complicações que são apresentadas, pode-se considerar que o desenvolvimento dessas jovens passa a ser desfavorável, tornando a gravidez precoce mais um desafio a ser vivenciado não apenas pelas adolescentes, mas pelo ambiente sociofamiliar.

Para Cabral (2003, p. 283), “esse elevado índice que vemos, atualmente, de gravidez na adolescência tem sido construída como “problema social” e de saúde pública. Porém, esse fenômeno parece ser objeto de várias políticas, visto que ela abrange vários setores da sociedade”, exigindo que tais políticas públicas se prolonguem e efetivem suas ações evitando reincidências desse fato.

Nessa dimensão, a gravidez na adolescência é o fator que não deixa de repercutir em nosso meio, pois também pode-se ver que, se não trabalhada essa problemática a reincidência poderá ocorrer em menor tempo. Ocasionalmente isso ocorrem mais de uma vez pela prática inadequada da sexualidade, porém, frisar a necessidade de políticas públicas que venham a fortalecer essa questão é a maneira lógica para o envolvimento e a redução desses jovens na maternidade precoce.

Atualmente, o Ministério da Saúde acompanhado de secretarias estaduais e municipais tem realizado ações voltadas para execução de ações relacionadas a este tema, como: políticas públicas e campanhas nacionais, sobre planejamento

familiar incluindo adolescentes e jovens; distribuição da caderneta do adolescente; disponibilização gratuita de métodos contraceptivos para adolescentes; projeto saúde e prevenção nas escolas em parceria com o Ministério da Educação, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO); produção em grande quantidade de preservativos para as escolas que desenvolvem ações educativas em saúde sexual e saúde reprodutiva; produção de materiais educativos e cursos à distância para os profissionais de saúde e educação sobre sexualidade de adolescentes (BRASIL, 2011).

Diane disso pode-se dizer que, além das ações preventivas mencionadas acima, muitos adolescentes podem utilizar os métodos anticoncepcionais, porém alguns métodos são mais adequados que outros, relativamente dependente pela fase que o adolescente se encontra e, desta forma, pode-se considerar que o acompanhamento, o esclarecimento e as orientações devam ser constantes e esclarecedoras para esses jovens.

Diante da relevante constatação, os métodos mais indicados pelo Ministério da Saúde (2011, p.11) são:

A camisinha masculina ou feminina deve ser usada em todas as relações sexuais, independentemente do uso de outro método anticoncepcional, pois a camisinha é o único método que oferece dupla proteção, ou seja, protege ao mesmo tempo das doenças sexualmente transmissíveis, aids e da gravidez não desejada. As pílulas combinadas e a injeção mensal podem ser usadas na adolescência, desde a primeira menstruação. O DIU pode ser usado pelas adolescentes, entretanto as que nunca tiveram filhos correm mais risco de expulsá-lo.

Imagina-se que os métodos contraceptivos mais conhecidos, porém pouco utilizados pelas adolescentes são a camisinha masculina, as pílulas combinadas, injeção mensal, o dispositivo intrauterino (DIU), e entres outros.

A política pública que atualmente faz a cobertura como programa de ação na ajuda às adolescentes grávidas é a Estratégia de Saúde da Família (ESF), que tem como uma de suas responsabilidades a implantação de ações para a saúde das adolescentes, estando incluído neste programa a atenção à saúde sexual e reprodutiva.

Esse programa requer uma equipe multidisciplinar preparada para abordar o adolescente na unidade de saúde e na escola, tornando o trabalho dos profissionais de saúde representativo; necessita de uma ingressão da equipe de saúde na família, sendo essa equipe um suporte para essas jovens inseridas nessa questão social,

assim como de suas famílias.

#### **4 A RESPONSABILIDADE DE SER MENINA MÃE**

Ser mãe na adolescência é uma situação difícil, pois encarar tamanha responsabilidade antes da hora é um fardo pesado que essa menina passa a enfrentar, necessitando do apoio e compreensão da família e demais parentes.

A gravidez precoce é uma vivência transformadora na vida da adolescente, pois, gera emoção de insegurança e inúmeras incertezas da nova realidade, pois passam de meninas a mães e terão, agora, que se adaptar a uma fase em que não estão prontas para assumirem as responsabilidades sozinhas. Quando esse fato se concretiza, a relação entre a família modifica-se, pois agora não é apenas a filha, mas a filha que dá um neto para os pais, a menina que encara a maternidade.

Para Donas (1991), é durante a fase da adolescência que os jovens passam a ordenar seus projetos de acordo com seus almejos e sonhos. Este projeto envolve várias possibilidades, mas só se torna possível devido ao próprio esforço do adolescente. Sem dúvida, entende-se que a gravidez não planejada durante a adolescência poderá ser considerada como grande obstáculo e um fator de desvio para a concretização do seu projeto de vida.

Segundo Moreira *et. al.* (2008), a gravidez é uma transição que integra o desenvolvimento humano, mas revela complicações no decorrer da adolescência, pois envolve a necessidade de reestruturação e reajustamento de várias dimensões do adolescer na maternidade, como mudanças na identidade, haja visto a nova responsabilidade que surge fazendo uma reviravolta na vida da menina, sobretudo, pela maneira como será visualizada pela família, amigos, escola e sociedade. O cuidado para que sua autoestima não seja afetada pela mudança do corpo no decorrer da gravidez e tantos outros.

Nesse momento, constata-se, também, que a gravidez na adolescência interrompe seu sonho individual e nasce o desejo coletivo, porque mais uma vida está a caminho, e vai necessitar de cuidados em todos os sentidos, além de uma condição econômica suficiente para suprir as necessidades vindouras.

A jovem que engravida precocemente desafia-se em desenvolver um novo papel na sociedade na qual se encontra, uma vez que era vista como adolescente e filha e passará a desenvolver o papel de menina mãe; nesse processo a sua relação com a própria família e a sociedade se torna complexo, já que assume uma responsabilidade enorme e complexa, quer requer renúncia em uma fase da vida que pede calma para tanta efervescência.

Devido às consequências e as transformações físicas e cognitivas, características pelas quais as adolescentes passam durante o desenvolvimento da gravidez, muitas dificuldades se estabelecem no desempenhar do papel materno, pois, na maior parte das vezes, não existe a disposição psicológica necessária para atender e suportar as exigências e frustrações da maternidade (SILVA; SALOMÃO 2003).

De acordo com Monteiro (2007), diante dessa nova fase de vida das adolescentes que enfrentam sem planejar as consequências advindas de uma gravidez, as famílias dão o suporte necessário, mas, esperam respostas em relação ao seu desempenho como mãe e em relação ao seu futuro.

Certamente, a responsabilidade precoce de ser mãe é uma questão que interfere em todo contexto social, pois essa menina mãe, diga-se de passagem, sofrerá juntamente com seu filho o despreparo e a falta de coragem para tal enfrentamento.

Segundo Gurgel *et. al.* (2008, p. 799), em sua concepção sobre gravidez na adolescência essa fase pode produzir:

Efeitos nocivos na saúde do conceito e contribuir para a manutenção da pobreza. Quando essa ocorre na faixa etária de 10 a 14 anos, os transtornos são ainda maiores, pois a maior parte não é planejada sendo interrompida pelo aborto, praticado, frequentemente, em péssimas condições técnicas e de higiene, com risco de apresentar complicações e graves sequelas, podendo levar a adolescente à morte.

Desse modo, a gravidez precoce pode afetar e prejudicar o desenvolvimento natural e a maturidade das meninas, também provocar complicações danosas para sua vida, em todos os sentidos de seu desenvolvimento, porém, a saúde das mesmas é mais relevante diante dessa imatura consequência.

Diante de divergentes fatores Oliveira *et. al.* (2009, p. 02) afirmam que:

Há evidências de que gestantes adolescentes podem sofrer mais intercorrências médicas durante gravidez e mesmo após esse evento que gestantes de outras faixas etárias. Algumas complicações como tentativas de abortamento, anemia, desnutrição, sobrepeso, hipertensão, (pré) eclampsia, desproporção céfalo-pélvica, hipertensão e depressão pós-parto estão associadas à experiência de gravidez na adolescência.

As adolescentes gestantes passam por diversas modificações na gravidez, porém essas transformações podem, também, causar riscos para a saúde delas, assim como para a saúde do feto que está em formação. Ao engravidar, a adolescente passa a alargar sua visão diante de tantas modificações, mudanças que precisam ser acompanhadas por profissionais que possam observar sobre riscos existentes, orientar, alertar, cuidar dessa fase que é perigosa para ambas às vidas, da mãe e do bebê.

Para os autores Silva e Salomão (2003, p. 135) as transformações são:

As transformações cognitivas e emocionais características pelas quais as adolescentes passam nesse período do desenvolvimento fazem com que as jovens apresentem mais dificuldades para desempenhar de maneira satisfatória o papel materno, uma vez que não dispõem, na maior parte das vezes, dos recursos psicológicos necessários para atender e tolerar as demandas frustrações da maternidade.

Muitas são as vivências que a menina atravessa nessa fase; algumas delas podem lhe trazer constrangimentos, bloqueios, provocar uma baixa em sua autoestima e afastá-la do convívio social, ou seja, do mimo familiar (pois agora é uma mulher), dos momentos entre amigas de mesma faixa etária devido à sua realidade atual. Assim, muitas meninas terminam envergonhando-se de sua condição de grávida e distanciando-se da adolescência para tornarem-se mulher e mãe.

Alguns autores apontam a perda de autonomia e liberdade, quando os amigos se afastam, pois embora tenham a mesma faixa etária, uma gravidez precoce leva a gestante ter responsabilidades, experiências até então não vivenciadas. Também pode ocorrer rejeição por parte do parceiro, da família e da sociedade; geralmente a adolescente não está preparada para viver essa situação que, quase sempre, só se aparece quando a gravidez já é uma realidade (CALDEIRAS *et al.*, 2004)

Para Bocardi (2003, p. 111), são conflitantes as mudanças que ocorrem na gravidez precoce:

Para a adolescente a mudança de vida acontece de forma radical, no

primeiro momento, abandona os estudos e, assim, surge a interferência em sua relação social. Após o nascimento da criança, as obrigações em estar sempre ao lado do filho, amamentando ou prestando cuidados, afasta ainda mais a adolescente de seu convívio social, interrompendo o vínculo afetivo com seus amigos, pois o filho impede que estas jovens exerçam atividades peculiares a sua idade como vinha acontecendo anteriormente a gestação. Este isolamento do grupo de amigos é natural [...], entretanto as mães adolescentes precisam assumir abruptamente esse papel, o que acarreta responsabilidades independentemente do querer tê-las ou não.

Para uma menina que engravida sem planejamento, destacam-se, dentre outras consequências, a evasão escolar, a relação com o futuro pai, que, por pressão familiar casa-se com a mãe da criança, porém alheios da responsabilidade que o momento requer. Essa queima de etapa na vida dos adolescentes os leva a enfrentar uma realidade absolutamente diferente da maneira que viviam ainda há pouco.

Desse modo ter um filho na adolescência significa ser cada vez mais dependente dos próprios pais, por conta de condições financeiras, da segurança, do respeito e do filho que precisa nascer e receber a devida atenção e cuidado, para desenvolver-se de maneira saudável.

Outros fatores surgem nessa fase, inclusive a necessidade de segurança para manter a criança, como descreve Caldeiras *et al.*, (2004, p. 426):

A importância de mais outro aspecto referente a adolescente que, na maioria das vezes, almeja um emprego para poder conquistar sua independência financeira, porém, com ocorrência da maternidade, o trabalho tão almejado como uma forma de liberdade, passa a ser uma necessidade por parte da mãe adolescente que, agora tem um filho para criar. Além disso, o trabalho que antes podia ser visto pela família como mais uma fonte de renda dentro de casa, agora passa a ser indispensável, mais não suficiente, pois, muitas vezes, a adolescente precisa da ajuda da família para os gastos com o bebê.

A adolescência deveria ser uma fase de construção da vida profissional, para ser um adulto maduro independente, a partir da gravidez, a futura mamãe passa a ser uma adolescente sem perspectivas, além da responsabilidade dos cuidados com o bebê, dificultando ainda mais sua independência, já que agora é mãe.

De acordo com Yazlle, Franco e Michelazzo, (2009, p. 58):

A gravidez nessa fase da vida tem sido considerada como fator de risco, do ponto de vista médico tanto para a mãe como para o filho e, também como fator agravante ou desencadeador de transtornos psicológicos e sociais. Vários estudos fazem referências a maior incidência de complicações durante a gestação de adolescentes, tais como abortamento espontâneo, restrição de crescimento intrauterino, diabetes gestacional, pré-eclâmpsia, parto prematuro, sofrimento fetal intraparto e parto por cesárea. Por ocasião

do parto normal, tem sido referida maior incidência de lesões vaginais e perineais. São citados, ainda, maior frequência de deiscência de sutura e dificuldade de amamentação. Em relação às repercussões psicológicas, tem sido relatado aumento do número de casos de depressão pós-parto. Dentre as complicações referentes ao recém-nascido, observam-se maus tratos e descuidos, o que pode se estender à criança com mais idade. Na infância, principalmente no primeiro ano de vida, tem sido referida maior incidência de desnutrição e acidentes domiciliares.

Sendo assim, verifica-se, pois, as inúmeras consequências que podem ser ocasionadas pela gravidez precoce, passíveis de ocorrer antes, durante e depois do período gestacional, não só com a mãe mas, também com o bebê que poderá sofrer maus tratos, descuidos etc., causados pela depressão pós-parto e outros fatores que acompanham essa fase, assim como no primeiro ano de vida, como foi relatado.

Verifica-se que a responsabilidade após tornar-se mãe e ter que priorizar o filho abdicando dos próprios interesses, parece ser uma experiência que provoca a perda da própria identidade, da possibilidade de sonhar com algo mais promissor. A adolescência passa a ser apenas uma lembrança, de sonhos e sonhos, uma vez que uma gravidez inesperada transporta a adolescente para outro lugar na vida, exigindo dessa menina admitir que sua realidade lhe transferiu de adolescente para mulher, menina e mãe, de uma vez só.

Contudo, esse momento não deve ser marcado apenas como experiência negativa e insalubre para os jovens e suas famílias. Para os adolescentes e suas famílias, sendo esse fato esperado ou não, deve ser assumido e vivenciado por todos e poderá contribuir não só para o engrandecimento, de um modo mais geral da adolescente, mas, também de sua família, tornando-as unidas e fortalecidas em razão maior, uma nova vida, sem esquecerem que uma criança é uma dádiva divina.

#### **4.1 Percepções vivenciadas como menina mãe e observadas como estagiária**

Na qualidade de mulher que também viveu uma gravidez precoce, que também foi mãe menina, devo ressaltar que se trata de uma experiência ímpar, não só minha, mas de tantas outras meninas, como pude observar durante o período de estágio supervisionado realizado no hospital Municipal de Pacatuba, onde acontecia, mensalmente, um encontro com gestantes grávidas em situação de risco, caracterizada por adolescentes.

Em observação, pude perceber que alguns fatos da minha própria vivência

como menina mãe, na minha fase da adolescência e de maneira não planejada, também eram relatados por outras meninas que experienciavam a mesma situação, em iguais circunstâncias. Nada foi fácil para mim e nem para minha família.

A percepção de quem tem curiosidade em realizar uma pesquisa sobre essa temática e descrever é mais fácil do que para quem a vivencia de fato, pois descrever uma gravidez que não foi planejada e foi caracterizada por superação se torna mais emocionalmente e muito gratificante.

Nos primeiros meses da gravidez na adolescência muitos sentimentos são revelados e intensificados, como desespero, medo, insegurança e instabilidade, a falta de confiança, de entendimento são evidenciados, porém o acompanhamento e apoio da família é o diferencial.

A família é um dos instrumentos fundamentais para que a adolescente possa ter a percepção e capacidade de superar esse momento tão vulnerável e inconstante, pois, por não ser uma pessoa adulta, ela não tem estabilidade e preparação para cuidar de uma criança, faz da família o caminho mais importante para torná-la uma adolescente responsável, feliz, pelo seu apoio e acompanhamento.

Souza, (1997, p. 23) define o sentimento de família:

O sentimento de família engloba todas as emoções inerentes à pessoa: identidade, pertença, aceitação, rejeição, amor, carinho, raiva, medo, ódio... Certamente é esta fusão de opostos que torna a família tão complexa e sua compreensão um desafio interminável.

Desse modo, posso afirmar que viver uma gravidez na adolescência com o apoio familiar foi primordial para que tudo fosse conduzido com naturalidade, segurança, apesar do medo. Depois, veio a finalização de meus estudos, a percepção da responsabilidade assumida, a valorização da família, o diálogo constante e sadio com meus pais, e a segurança para enfrentar a gravidez e cuidar da criança, sem medo e sem culpa.

Fui menina mãe e obtive todo o apoio de minha família, passei por todas as transformações ocorridas em uma gestação, tanto física como psicológica, porém sem tanto sofrimento, pois as condições financeiras não eram das piores, já que isso também é um dos fatores que diversifica essa problemática.

Hoje, como pessoa e profissional, tento revelar alguns sentimentos que superei e que me fizeram amadurecer diante da vivência de menina mãe, e por isso continuo afirmando que o apoio e o cuidado são fatores importantes nessa fase.

Como estagiária no Hospital Municipal de Pacatuba, pude observar algumas adolescentes grávidas. Nessa instituição, uma vez ao mês, acontecia um encontro, com palestras, rodas de conversas, voltadas para gravidez de risco e gravidez na adolescência, encontro esse efetivado por profissionais da saúde, como médicos, enfermeiras e assistentes sociais que dialogavam com as adolescentes mães através de recursos materiais educativos: data show, cartilhas e lanche. Esse encontro tinha como objetivo esclarecer sobre a importância dos cuidados que precisam ser realizados no período da gestação; também esclareciam sobre os riscos e davam informações sobre prevenção e cuidado com elas mesmas e com o feto em desenvolvimento, além de informar sobre os seus direitos.

Neste período de observação, percebi as dificuldades e os riscos da gestação precoce, compreendi porque esse fenômeno é considerado um problema social e de saúde pública. Também foi possível constatar que as adolescentes não precisam só da família, mas de profissionais e órgãos competentes que contribuam para a efetivação de seus direitos e minimização dos problemas decorrentes da gravidez.

Neste sentido, percebe-se que a adolescência é um momento de desenvolvimento, de conflitos, dúvidas e impulsos; com a ocorrência de uma gravidez tudo se torna ainda mais turbulento. A gravidez é problema social sim, mas pode ser um período vivenciado com menor tensão se acontecer o diálogo entre a adolescente e a família, inclusive, para esclarecer dúvidas, aliviar conflito, repassar tranquilidade e confiança para a adolescente.

Sendo assim, acredita-se que, nessa fase da vida, a orientação para a construção da sexualidade das adolescentes, a partir de uma educação esclarecedora e informativa sobre o assunto, poderá prevenir da gravidez precoce, do contágio por doenças sexualmente transmissíveis, dentre outras; evitar que essa questão social se evidencie cada vez mais. Cabe aos pais perceber que instruir seus filhos e apoiá-los é um desafio, mas, um método eficaz, no sentido de evitar problemas que levem a adolescente a experimentar uma responsabilidade imatura é para toda a vida.

#### **4.2 A família como fator determinante para não gravidez precoce**

Compreende-se que, desde o começo da vida, o comportamento dos pais

pode influenciar a forma como os filhos irão se relacionar com o mundo e com as pessoas. O comportamento dos filhos diz muito sobre a forma como os pais agem sobre determinado assunto. Neste sentido, compreende-se, também, que pais que falam, educam para o diálogo têm melhor êxito na criação dos filhos.

Segundo Jablonski (1991), na maior parte da história da humanidade, o indivíduo viveu quase todas as sociedades formadas por grupos familiares, onde a segurança, a saúde e a própria vida de alguém estavam atreladas à existência de um grupo familiar. A família, desde sempre, é a primeira sociedade do ser humano.

Minuchin (1990, p. 25) define família como:

Um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a interação dos membros da mesma, considerando-a, igualmente, como um sistema, que opera através de padrões transacionais. Assim, no interior da família, os indivíduos podem constituir subsistemas, podendo estes serem formados pela geração e sexo, interesse e/ ou função, havendo diferentes níveis de poder, e onde os comportamentos de um membro afetam e influenciam os outros membros. A família como unidade social, enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento, diferindo a nível dos parâmetros culturais, mas possuindo as mesmas raízes universais.

Compreende-se que a família é constituída através de raízes, mas é concretizada por seu meio cultural, formada de geração em geração.

Discorrer sobre a família é entendê-la como socializadora de funções, onde concentram as formações da personalidade do indivíduo, tendo as funções básicas e irredutíveis de socialização primária das crianças e de estabilização das personalidades diante da constituição adulta (PARSONS, 1995).

Há uma ênfase definida de suma importância, a infância; quando a criança tem, nos primeiros estágios de desenvolvimento, uma relação exclusiva, íntima e intensa com a mãe.

Lévi-Strauss (1980), considera o conceito de família idealizado, de um lado a um grupo social sólido e empiricamente delimitável; de outro, um modelo cultural com uma representação feita. Deste modo, a apreciação da família deve por isso mesmo mover-se tanto no plano das construções ideológicas quanto no papel de organização da vida social.

Sendo assim, família, ou a compreensão do que seja esse grupo social, vem passando por mudanças ao longo dos tempos, essas alterações diante dos relativos relacionamentos que constituem família apenas pelo laço afetivo vivenciado em um único espaço, recebe tal conceito com um novo olhar sobre o papel da família e principalmente, sobre o papel da mulher na sociedade.

Antigamente, família era entendida como uma instituição estabelecida pelos laços sanguíneos originada do casamento. Em seu núcleo, destacava-se a figura do pai, a autoridade maior, onde a hierarquia era imposta. A figura de quem mandava era sempre representada pelo homem, a quem os demais familiares deviam obediência. Porém, esse modelo não acontece mais, pela imposição da vida moderna, na atualidade, inclusive com os novos arranjos familiares existentes.

Sarti (2000) relata que as mudanças que redefiniram a família na sociedade são responsáveis pelo distanciamento de alguns elementos antes presentes na família tradicional, como: casamento, amor, sexualidade, troca de experiências, elementos antes vivenciados por papéis definidos no meio familiar. Hoje, devido à busca pela individualidade, as famílias precisaram se readaptar alterando papéis e regras antes estabelecidas pela cultura da família.

Contudo, observa-se que, com o passar do tempo, aconteceram inovações como um novo conceito de família. Também destaca-se que o Estatuto da Criança e do Adolescente considera como família não somente a família natural, mas a família substituta, ou seja, toda organização em que as pessoas convivam em harmonia, protegendo a criança.

As mudanças ocorridas através dos tempos apresentam as novas e diversas formas de constituição familiar: casais que se separam e casam novamente, filhos que são criados apenas pelo pai ou pela mãe, ou crianças criadas pelos avôs, e tantas outras.

Mas, apesar dessas mudanças, independentemente da forma como é constituída, a família continua sendo a unidade básica da sociedade, instrumento essencial de preservação. As famílias em que há adoção ou novo casamento são exemplos de que a relação de amor e afeto que se estabelece ainda é o alicerce dessa estrutura social.

A família é a fonte que concretiza as vivências e as emoções marcantes da experiência humana. É o lugar onde é possível vivenciar vários sentimentos como convivência do amor e do ódio, da alegria e da tristeza, da compreensão e, ao mesmo tempo da incompreensão, é uma configuração de diversas transformações em um grupo social que busca equilíbrio entre essas emoções (WAGNER, 2002).

Pode-se lembrar a relevância do papel da família e de instituições que são importantes na ação de conscientização, na orientação desses adolescentes na vida sexual, para que esses possam ter amparo, proteção e educação, etc.

É nesse contexto de família que Novello (1990, p.140) especifica o papel da mãe, que com seu modo materno tem atitude diante de sua atuação, “[...] deve educar, conduzir, proteger, formar, enfim, para que seu filho, com liberdade de ação, possa ser ele mesmo e aprenda, então a viver”.

Quase sempre, os pais, ao tomarem conhecimento da gravidez de uma filha adolescente, questionam-se: "onde foi que erramos?"; e, em muitos momentos reconhecem que: o baixo índice de renda familiar, a vida em comunidade socialmente vulnerável, a falta de acompanhamento dos filhos em casa sozinhos enquanto trabalham são fatores que podem contribuir para a gravidez precoce.

Quanto a condição da família, Zagury (1999, p.193) descreve que:

Os pais devem oferecer aos filhos um lar equilibrado, harmônico, democrático, em que cada um, mãe, pai, filhos, tenha papéis definidos, bem divididos, em que um não busque a superação ou o domínio do outro, e no qual as pessoas se amem ou pelo menos se respeitem.

Os pais devem proporcionar a seus filhos um lar que permita manter a harmonia, a concórdia, a segurança, o bem-estar tendo como prioridade a educação de seus filhos. Também devem estabelecer papéis definidos para seus filhos, ensinando-os a importância do respeito entre todos. Mas, nem toda família tem essa compreensão, ou pode oferecer algo mais para os seus filhos.

Percebe-se que os pais, na atualidade, foram adolescentes e passaram por transformações de diferentes maneiras, vivenciaram movimentos que influenciaram suas visões de mundo. Mas, de certa forma, os deixaram inseguros vendo os rígidos padrões morais de sua infância sendo derrubados pelas rápidas transformações do mundo atual, sem que houvesse tempo para elaboração e modificação da realidade interna de cada um. Consequentemente, adquiriram vivências para continuar desempenhando o papel paterno.

Assim, a princípio apenas realizar orientação parece pouco para intervir na adolescência. A palavra correta será acompanhar para conduzir. Dessa maneira, acompanhando e conhecendo os espaços onde os jovens estão inseridos e intervindo quando necessário sem constrangê-los, sem mesmo coibi-los, mas orientando-os ainda são os meios que apresentam melhores resultados, nessa fase.

Como mostra Kaloustian (2004 p.12), “a família é o espaço indispensável para garantia da sobrevivência de desenvolvimento e da proteção integral dos filhos

e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando”. Deste modo as transformações familiares, mudanças de valores, comportamentos e um mundo em processo de transição moral é o que mais vem atingindo no desenvolvimento dos adolescentes.

Sabe-se que a gravidez precoce representa um momento de crise no ciclo de vida das adolescentes que estão nessa fase, revelando dificuldades nas relações entre pais e filhos e nas condições contextuais para o desenvolvimento psicológico dessas meninas. Para um amparo eficaz e uma prevenção objetiva diante dessa maturação precoce, é preciso adotar a valorização intensa, a flexibilidade no relacionamento de pais e filhos e redefinir valores e atitudes, além do incentivo a autonomia e as demonstrações de afeto nas relações familiares (BRASIL, 2005).

Para Abramovay, Castro e Silva (2004), família é considerada uma representante fundamental junto a adolescente grávida. Uma vez constatada a gravidez, se os pais da adolescente forem capazes de acolher o novo fato com serenidade, respeitando e colaborando com essa gravidez, o transtorno será menor para a vida desta adolescente e do bebê.

Do contrário, quando ocorre a rejeição na gravidez precoce, os conflitos traumáticos são estabelecidos na vida da adolescente, fazendo com que se sinta profundamente sozinha nessa experiência difícil e desconhecida, podendo levá-la a riscos como: o aborto, abandono de casa, submissão a qualquer tipo de atitude inadmissível e que não resolverá seu problema.

Em contrapartida desse fato, a família, a sociedade, a comunidade e o poder público têm o dever de assegurar a efetivação dos direitos referentes à vida, alimentação, saúde, educação, esporte, lazer, cultura, profissionalização, dignidade, respeito e liberdade de convivência familiar e comunitária, independentemente de qualquer situação, é dever cumprir com todas as condições estabelecidas por lei (BRASIL, 1990).

Dessa maneira, é possível dizer que, sem dúvida, é de fundamental importância uma informação bem especificada, elaborada à contento; isso porque o ato de informar é uma atribuição de grande relevância não só para o Serviço Social, mas para todas as profissões que atuam junto a diversas camadas sociais, em suas relações. Informar bem e esclarecer dúvidas para que todos possam conhecer seus direitos e deveres, impede que as pessoas optem, erroneamente, por caminhos que dificultem-nas em encontrar a melhor maneira de decidir sobre suas vidas.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o estudo realizado, foram mencionados alguns dados sobre a gravidez na adolescência que vão desde a conceituação de adolescência à maternidade, perpassando pela responsabilidade da família diante deste contexto; assim como a maneira de a adolescente perceber sua sexualidade, a contribuição das políticas públicas, as interferências internas e externas na vida da adolescente grávida, a falta de incentivo e motivação para o desenvolvimento de uma gravidez sadia na adolescência, a dificuldade de comunicação diante da realidade sociocultural das mesmas.

O trabalho procurou mostrar, historicamente, a gravidez na adolescência, o seu contexto na vida familiar, seu dia a dia e as percepções acerca das mudanças de menina para mãe, sua reação diante do medo, discriminação e exclusões, que resultam em grande parte, em um complexo processo histórico, onde a cultura imprime suas marcas em cada indivíduo, ditando normas e fixando ideias, de forma a ignorar a adolescente como uma pessoa cidadã e ser humano.

Considerou-se de grande influência para o desenvolvimento intelectual dessas jovens a atenção dispensada pela família e pelas instituições nas quais buscam apoio e cuidado.

É comum encontrar, na família e no meio social, algumas ações dispensadas em atenção e preocupação com as jovens que estão no ciclo de gestação, porque alguns comportamentos preconceituosos atrapalham o desenvolvimento das jovens grávidas, porque, muitas vezes, se sentem excluídas e diferentes. Este poderia ser o momento no qual a família e as instituições sociais deveriam trabalhar a diversidade e o respeito às diferenças entre os jovens. Mas, nem sempre é assim que acontece.

Nota-se o quanto as percepções indiferentes interferem na expectativa da adolescente grávida ao criarem expectativas negativas a respeito de sua gravidez. Essas negatividades podem afetá-las obstaculizando sua gravidez e deixando de potencializar o seu desenvolvimento como mulher e mãe; seja na família, na escola e na sociedade.

Saliente-se que cada etapa do desenvolvimento da jovem grávida deve ser respeitada por todos os que a cercam, porém, o momento da escola precisa se desprender de certos preconceitos e facilitar a inclusão dessa jovem para que não

sofra preconceitos e supere parte das perdas sofridas, além de reavivar os sonhos de uma formação profissional promissora e desejada.

Nota-se que é relevante para a adolescente grávida e a família entenderem os motivos que a leva a uma gestação precoce e conhecer as dificuldades que essa adolescente encontra ao se deparar com a não aceitação de sua gravidez por parte da família. Nesses casos a família, a escola e a sociedade deveriam unirem-se para apoiá-la, proporcionar ou facilitar a superação das dificuldades vividas por essas adolescentes.

Assim, a busca da família e instituições para acolhimento, entendimento e respeito aliado ao convívio com as adolescentes com gravidez precoce possibilitaria a criação de elementos para que elas redimensionassem suas vidas, levando-as a entender que a vida continua. Porém, os desafios e obstáculos precisam ser superados; o que se faz com determinação, força de vontade e contribuição da família, dos amigos e da sociedade.

Compreende-se que nem todos os adolescentes possuem o mesmo tipo de comportamento, e por esta razão outros adolescentes enfrentam essa nova fase da vida de maneira distinta. Com chegada de um filho elas precisam estar atentas aos aspectos relacionados ao desenvolvimento do filho e suas deficiências como mãe, uma vez que muitas delas tiveram experiências de fracasso e de exclusão social e escolar, sentem-se fracassadas e temerosas diante de um filho que precisam criar, sustentar e educar.

Compete à família criar situações de colaboração com outros profissionais cada vez mais sólidos, ambientes adequados e afetivos, que possibilitem maior integração, melhor desenvolvimento individual dentro da possibilidade de cada um. Tais ações possibilitam a adolescente verbalizar da maneira que pode o seu pensamento, enfatizar que todos têm personalidades distintas uns dos outros e são capazes de aprender e se adaptar a uma situação distinta como a gravidez.

Imagina-se que, se família tiver consciência da situação em que a adolescente se encontra e construir um diálogo com informações corretas, repassadas naturalmente sobre a vida sexual e sexualidade dos mesmos, respeitando e percebendo o nível de desenvolvimento em que cada um está, pode-se incentivar essa adolescente a buscar outra alternativa de vida, além de conscientizá-la para uma vivência tranquila durante esta fase.

A família, a escola, as instituições de saúde e a sociedade devem contribuir para a informação dos adolescentes de modo a se sentirem capazes de amar, de se sentirem felizes e de viverem cada etapa de suas vidas com segurança. No que diz respeito a maternidade, que seja em uma fase madura e que possa ser vivida em toda sua plenitude e tranquilidade, não interrompendo o curso natural da gestação.

Assim, dizer que é fundamental criar condições especiais, para inserir a adolescente no meio escolar e social sem preconceitos, com ações pedagógicas acolhedoras na escola, processo colaborativo entre professores e profissionais da área de saúde, para que toda adolescente grávida possa acessar esses espaços, participar de todas as atividades escolares e sociais com segurança, conforto, e maior confiabilidade, para construir seu amanhã seguro, de acordo com suas possibilidades e limitações, sobretudo, para que possa cuidar bem de seu filho.

Desse modo, criar não só ambientes propícios para a adolescente grávida, mas estabelecer condições essenciais para permitir um processo efetivo de compromisso com a promoção à saúde emocional, comportamental, físico psicológico dessas adolescentes para que possam viver com dignidade.

Por fim, constatou-se que a gravidez precoce precisa ser mais discutida na sociedade, por meio de uma abordagem ampla por parte dos familiares, educadores, profissionais de saúde, comunidade e governantes, não discutindo apenas como evitar a gravidez, mas promovendo os meios de valorização da pessoa humana, oferecendo-lhe conhecimentos para que possa decidir com consciência e responsabilidade o momento certo de engravidar, com alegria, felicidade e crescimento pessoal dos pais e filhos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004, 193p.

ABERASTURY, Arminda. **Adolescência**. Porto Alegre. ed. Artes Médicas, 1980.

ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Do saber desejar ao desejar saber: contribuições da psicanálise à educação escolar. *In*: SALES, V; MONTE, M; BATISTA, J. **Psicologia na Educação**: um referencial para professores. 2. ed. João Pessoa: EdUFPB, 2005.

BOCARDI, Maria Inês Brandão **Gravidez na adolescência**: a parto enquanto espaço do medo. São Paulo: Arte & Ciência; Marília, São Paulo: ed. UNIMAR, p.111, 2003.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRANDÃO, Elaine Reis; HEILBORN, Maria Luiza. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, jul. 1999.

BRASIL. Lei nº 8 069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília: Senado Federal, 1990/2000.

\_\_\_\_\_. Ministério Da Saúde. **Saúde do adolescente e do jovem**. 2011. Disponível em: < <http://portal.saude.gov.br>>. Acesso em: 13 de nov. de 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde, Ministério da Educação, Unesco e Unicef. **Diretrizes para implantação do projeto saúde e prevenção nas escolas**. Brasília, DF, 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Saúde integral dos adolescentes e jovens**: orientações para a organização dos serviços de saúde. Brasília, 2005. Disponível em: <[http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/06\\_0004\\_M.pdf](http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/06_0004_M.pdf)>. Acesso em: 30 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST/Aids. **Manual de Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis**. Série Manuais, nº 68, 4ª edição, 2006. Disponível em: < [www.aids.gov.br](http://www.aids.gov.br)>. Acesso em 30 out. 2016.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde do adolescente e do jovem**. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br>>. Acesso em: 02 de dez. 2016.

\_\_\_\_\_. Organização Mundial da Saúde, **Relatório Mundial sobre violência e Saúde**. 2002.

CABRAL, Cristiane Silva. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, v.19, supl. 2, jan. 2003.

CALDEIRAS, Alany Pinto *et al.* Adolescentes grávidas usuárias do sistema de saúde pública. *In*: BRAVO, Maria Inês Souza; VASCONCELOS, Ana Maria de; GAMA, Andréa de Sousa; Monnerat, Giselle Lavinás. **Saúde e Serviço Social**. Rio de Janeiro, Cortez, p. 426, 2004.

CARIDADE, Amparo. O adolescente e a sexualidade. **Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento**. v. I, Brasília: Ministério da Saúde, 1999.

CHIPKEVITCH, Eugênio. **Puberdade & Adolescência**: aspectos biológicos, clínicos e psicossociais. São Paulo: Roca, 1994.

DONAS, Salete. **Marco epidemiológico conceitual da saúde integral do adolescente**, 1991. Disponível em: < <http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 14. nov. 2016.

DUARTE, Albertina. **Gravidez na adolescência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Artes e Contos, 1998.

FRANÇOZI, Mauriane. **Gravidez na adolescência**: um estudo de representações sociais com adolescentes de ambos os sexos do Projeto Habitacional Brasil/BID – Comunidade Morar Bem I de São José, 2006. Monografia (Graduação de Psicologia) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, Santa Catarina. Disponível em: <<http://inf.unisul.br/~psicologia/wp-content/uploads/2008/07/MaurianiFrancozi.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

FONSECA, Mariane da Silva.; MELCHIOR, Lígia Ebner. **Adolescentes: Maternidade, riscos e proteção Gravidez e maternidade na adolescência**. Orgs. Saúde e desenvolvimento humano [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 257 p. ISBN 978-85-7983-119-5. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/sb6rs/pdf/valle-9788579831195-08.pdf>> Acesso em: 28 nov. 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GURGEL, Maria Glêdes Ibiapina *et al.* Gravidez na adolescência: Tendência na produção científica de enfermagem. **Revista Enfermagem**, v.12, n.4, 2008.

HOGA, Luiza Akiko Komura. BORGES, Ana Luiza Vilela. REBERTE, Luciana Magnoni. Razões e reflexos da gravidez na adolescência: narrativas dos membros da família. **Esc. Anna Nery Ver Enferm**. v.14, n.1, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n1/v14n1a22.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2016.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores Sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 04 dez. 2016

JABLONSKI, Bernardo. **Até que a vida nos separe**: a crise do casamento contemporâneo. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

JOFFILY, Suzana Meira Lopes de Castro. **Adolescentes mães em contexto de abrigamento**: significando a gravidez e a maternidade. (Dissertação de Mestrado não publicada). Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003.

KALOUSTIAN, Silvio Manoug. **Família brasileira**: a base de tudo. Cortez, Unicef. 2004.

KNOBEL, Mauricio. A Síndrome da adolescência normal. *In*: ABERASTURY, Arminda. KNOBEL, Mauricio. (Orgs.). **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A família origem e evolução**. Editorial vila Martha. Porto Alegre, 1980.

MANDÚ, Edir Nei Teixeira. Adolescência: Saúde, sexualidade e reprodução. **Revista adolescer** capítulo. 3. 1997. Disponível em: <<http://www.abennacional.org.br/revista/cap3.1.html>> Acesso em: 17. nov. 2016.

MIDDING, Tânia. **Implicações sociais de gravidez na adolescência no município de São Pedro do Iguçu-PR**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/ Campos de Toledo, 2004.

MINAYO, Maria Cecília Sousa. (1998). **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco.

MINUCHIN, Salvador. **Família**. Artes Médicas. Porto Alegre: p. 25, 1990.

MONTEIRO, Denise Leite Maia. TRAJANO, Alexandre José Baptista. BASTOS, Álvaro da Cunha. **Gravidez e adolescência**. Rio de Janeiro: REVINTER, 2007.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre, v.22, n. 7, 2004. Disponível em: <[http://cliente.argos.com.br/~mgos/analise\\_de\\_conteudo\\_moraes.html](http://cliente.argos.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html)>. Acesso em: 04 dez. 2016.

MOREIRA, Mariana Calesso. SARRIERA, Jorge Castellá. Preditores de saúde e bem-estar psicológico em adolescentes gestantes. **PsicoUSF**. Itatiba, v. 11, n. 1, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousf/v11n1/v11n1a02.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

NOVELLO, Fernanda Parolari. **Psicologia da adolescência**: despertar para a vida. 3.ed. Coleção Família e realidade. São Paulo: Paulinas, 1990.

OLIVEIRA, Elisângela Motta da Silva *et al.* A percepção da equipe de enfermagem quanto ao cuidado prestado às adolescentes no ciclo gravídico-puerperal. **Adolescência & saúde**. v. 6. N 2. Agosto de 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Gabriela/Downloads/v6n2a03.pdf>. Acesso em: 21.out. 2016.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescente hoje**. Porto Alegre, Ed Artes Médicas, 1989.

OUTEIRAL, José. **Adolescer**: estudos revisados sobre adolescência. Rio de Janeiro: Revinter, 1994 / 2003.

PAIVA, Vera. Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual. *In: Sexualidades Brasileiras* (Parker, Richard. & Barbosa, Regina. Maria.(Orgs.), Rio de Janeiro: RelumeDumará, p. 214, 1996.

PARSONS, Talcolt. BALES, Robert Freed. **Family, socialization and anteraction process**. Glencoc, 1995.

PEREIRA, José L. Aspectos históricos da gestação em adolescentes. *In: MONTEIRO, Denise Leite Maia. TRAJANO, Alexandre Jose Baptista. BASTOS, Álvaro da Cunha. Gravidez e Adolescência*. Rio de Janeiro: REVINTER, 2009.

PINHEIRO, Verônica de Souza. Repensado a maternidade na adolescência. Estudos de Psicologia Maternidade na adolescência 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2000000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2000000100011)>. Acesso em : 23. dez. 2016.

SANTROCK, John William. **Adolescência** (A.B.P. de Lemos Trad.). 8 ed. LTC - Livros Técnicos Científicos, p. 240, 2003.

SARTI, Cynthia Andersen. Família e individualismo: um problema moderno. *In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant. A família contemporânea em debate*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Deusivânia Vieira da. SALOMÃO, Nádía Maria Ribeiro. A maternidade na perspectiva de mães de adolescentes e avós maternas de bebês. **Estudo de psicologia**. Campinas, p. 135, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17243.pdf>>. Acesso em: 18.nov. 2016.

SOCAL, Eliane et al. Pesquisa e diagnóstico sobre crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social em Santa Maria/RS. **Construindo cidadania**. Santa Maria /RS: 2003 p. 73.

SOUZA, Alves. Maria. Nívia. **A família e seu espaço**: uma proposta de terapia familiar. 2.ed. Rio de Janeiro: Agir, p. 23, p. 27, 1997.

TIBA, Içami. **Adolescência: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações.** São Paulo: Editora Gente, 1994.

\_\_\_\_\_. **Sexo e adolescência:** 5. ed. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. **Puberdade e adolescência:** desenvolvimento biopsicossocial. 4. ed. São Paulo: Agora, 1986.

TORRES, Patrícia Lupion; BOCHNIAK, Regina. **Uma leitura para os temas transversais:** ensino fundamental. Curitiba: SENAR-PR, 2003.

VIEIRA, Neiva Francenely Cunha *et al.* Gravidez na adolescência: tendência na produção científica de enfermagem. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**12(4), dez. 2008.

VITALLE, Maria Sylvia de Souza. AMÂNCIO, Olga Maria Silveiro. **Gravidez na adolescência.** 68 p. 2008. Disponível em: <<http://www.pjpp.sp.gov.br/2004/artigos/11.pdf>>. Acesso em: 22. nov. 2016.

WAGNER, Adriana. **Possibilidades e potencialidades da família:** a construção de novos arranjos a partir do casamento. Petrópolis: Vozes, 2002.

YAZLLE, Marta Edna Holanda Diógenes; FRANCO, Rodrigo Coelho; MICHELAZZO, Daniela. **Gravidez na adolescência:** uma proposta para prevenção. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbgo/v31n10/01.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Gravidez na adolescência. **Revista Brasileira de Ginecologia e obstetrícia.** Rio de Janeiro, v.28, n8, ago.2006.

ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

\_\_\_\_\_. Tânia. **Limites sem trauma.** 12. ed. Rios de Janeiro: Record, 2001.